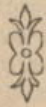


INDEPENDENTE

Typographia,
Impressão e Administração
RUA DA RAINHA, 120

GUIMARÃES, 20 DE JUNHO DE 1907



Condições d'assignatura

Anno, 1\$200; com estampilha 1\$500. Africa e Brazil, 3\$000 reis.

Publicações—Anuncios e communicados, por linha 40 reis, repetições 20 reis.

Director e proprietario—Antonio José da Silva Basto Junior

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

VIVA A CIDADE DE GUIMARÃES!

VIVA O SEU POVO HONRADO E TRABALHADOR!

Os cidadãos de Guimarães e outras terras da provincia que na segunda-feira se encontravam no Porto, quando atravessavam em grupos isolados as ruas da cidade civilisada, eram apupados, a distancia, por garotos de pé descalço, incitados de algumas janellas por outros garotos mais responsaveis e menos corajosos.

A cidade de Guimarães e toda a provincia, que se viram assim enxovalhadas, necessitam de saber, para que as situações fiquem bem definidas, se o Porto perfilha a intoleravel má criação da sua canalha.

O snr. Conselheiro João Franco no Porto

A recepção que a cidade do Porto fez ao snr. conselheiro João Franco, illustre presidente do conselho de ministros foi, sem duvida, a mais calorosa e mais entusiastica com que a nobre cidade tem recebido dentro dos seus muros um chefe de governo e de partido.

Já, quando ha um anno o eminente estadista visitou o Porto, o sentir unanime de velhos politicos era de que a manifestação então realisada fóra a mais vibrante de quantas tinham presenciado.

Pois a manifestação de segunda-feira foi incomparavelmente mais entusiastica, incomparavelmente mais carinhosa do que a do anno transacto.

Que ninguem se illuda com a informação de jornaes, carregados de odio e de mentiras, de calumnias e de insinuações.

O snr. conselheiro João Franco estava radiante de satisfação. Percebia-se bem que não desejava mais, e que talvez até não esperasse tanto.

Dentro da *gare*, litteralmente apinhada de correligionarios, que podiam contar-se por muitos milhares, não houve uma nota discordante.

O snr. conselheiro João Franco foi victoriado durante muitos minutos e rompeu a custo a massa enorme de gente que em redor d'elle se apinhava.

Entrando na carruagem dirigiu-se a casa do snr. conselheiro José Novaes onde se hospedou e onde recebeu os cumprimentos dos seus correligionarios, descançando depois até á hora do jantar.

O banquete, realisado no edificio da Academia Polytechnica, na parte ainda em construcção, foi uma festa como nunca vimos egual.

Quando o snr. conselheiro João Franco percorreu as diferentes sallas em que se haviam disposto as mezas, não havia enthusiasmo, havia delirio! As palmas e os vivas reboavam, e o seu echo chegando á rua devia ter dado bem a conhecer aos que não tomavam parte na festa, a calorosa manifestação dos que lá dentro se encontravam.

Aos brindes fallaram os srs. dr. Luiz de Magalhães, o snr. conselheiro José Novaes, o sr. dr. Pinto de Mesquita, e o sr. conselheiro João Franco, que discursou durante duas horas produzindo uma oração verdadeiramente assombrosa.

Quem escreve estas linhas ouviu-lhe, por um feliz accaso, o mais brilhante dos seus discursos parlamentares e pôde garantir que o de agora no

Porto foi o mais eloquente de quantos tem produzido o illustre estadista.

No final o snr. conselheiro João Franco foi victoriado durante muito tempo por toda a assistencia.

A sahida do banquete fez-se no meio da maior calma, embora se tivesse espalhado o contrario com evidentes propositos de desviar concorrencia.

Durante o dia de terça-feira o snr. conselheiro João Franco visitou os estabelecimentos de ensino dependentes do seu ministerio, onde foi esperado pelos corpos docentes e muito victoriado pelos alumnos, recebendo depois novamente em casa do snr. conselheiro José Novaes os amigos que o procuravam.

N'essa occasião o snr. conselheiro João Franco esteve com a deputação de Guimarães cumprimentando todos os seus membros e tendo para todos gentilissimas palavras de agradecimento, especialmente para aquelles que conhece e estima ha vinte e do annos.

A despedida, se bem que menos concorrida que a recepção, em virtude de se terem retirado do Porto muitos amigos que tinham vindo á chegada e ao banquete, não foi menos calorosa.

O snr. conselheiro João Franco levou do Porto agra-

dabilissimas recordações e estava plenamente satisfeito com o acolhimento que lhe fizeram, como ouvimos da sua bocca.

Das duas ultimas vezes que esteve no Porto tinha sido recebido entusiasticamente e retirou-se contente.

Mas d'esta vez o seu contentamento era maior, porque vira que apesar de todos os esforços empregados pelos partidos opposicionistas colligados não foi possivel desvirtuar uma imponentissima demonstração de apoio á sua marcha governativa e ao programma do seu partido.

A hospitalidade do Porto

Nas ruas da cidade do Porto passaram-se scenas vergonhosas, actos de verdadeira selvageria que não deslustram quem d'elles foi victima, mas endoam certamente a cidade em que elles se praticaram, essa cidade que se orgulha de ser a segunda capital do reino e o berço das liberdades patrias.

Não foi no calor da manifestação politica, em que affeições e paixões diversas podiam encontrar-se e chocar-se, produzindo por ventura as mais lamentaveis consequencias.

Se tal acontecesse n'esse momento, não o estranhavamos nem teriamos razão para levar á responsabilidade da

cidade do Porto quaesquer actos de violencia mais ou menos desagradaveis.

Mas não!

Acabada a manifestação feita na *gare* ao snr. conselheiro João Franco, e accentuamos propositadamente na *gare*, que não é uma pertença da cidade do Porto, mas um ponto de convergencia de diversas linhas ferreas do Estado, que pertencem a todo o paiz; acabada essa manifestação, repetimos, as diferentes pessoas, que n'ella tomaram parte, dispersaram-se por diversas ruas, umas procurando as casas de sua habitação, outras os cafés ou logares publicos de passeio.

Foi n'esta altura que começou a perseguição.

Bandos de garotos, de gentilha assalariada, de trabalhadores d'algumas fabricas, o que o Porto conta de mais baixo e de mais *acanalhado*, deram-se então á ignobil tarefa de desmentir a tradicional hospitalidade da cidade, e de lançar covardamente sobre os seus hospedes vias e apupos, atirando-lhe a *porcaria* das ruas, e cobrindo-os uma ou outra vez d'epithetos injuriosos.

Não foram os nossos compatrioticos as unicas victimas.

Foram-no tambem todos os cidadãos honestos e pacatos da provincia, de Braga, de Vianna, d'Amarante, de Bar-

cellos, Fafe, etc., que ali se encontravam.

Foram victimas do inqualificavel desacato não só os provincianos, mas mesmo cavalheiros portuenses, respeitaveis, e o que é mais grave ainda, foram victimas d'elle muitas pessoas que nada tiveram nem tinham de commum com a manifestação politica. Simples e pacatos cidadãos que por virtude dos seus negocios e outra qualquer circumstancia se encontravam no Porto n'aquelle dia.

Todos soffreram mais ou menos. Quem quer que se apresentasse mais decentemente vestido não escapava á persiguição e ao insulto. Nem mesmo as senhoras.

D'um cavalheiro sabemos nós que á meia noite de segunda-feira atravessava a Praça de D. Pedro acompanhando de tres senhoras, e nem esse, nem as senhoras, escaparam ao enxovalho.

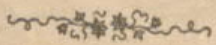
O ataque era covarde.

Apezar da desproporção do numero, o magote da garotada posto em perseguição de dous ou tres cavalheiros, respeitaveis pela sua posição social e pela sua idade, só de longe lançava o apupo e o insulto, em posição d'uma vergonhosa fuga ao primeiro indicio de reacção.

Aquelles dos nossos patricios á quem coube a sorte de encontrar pela frente algum homem com apparencia de limpo e não uma simples canzoada ladrando-lhes ás canellas, tiveram ensejo de dar-lhe uma boa e efficaz lição de civilidade e cortezia.

A esses não tardou o correctivo merecido, que lhes devia ter ficado bem gravado na memoria e nas costellas, e aproveitar de futuro para analogas conjuncturas.

A quem a responsabilidade de tudo isto?



DE QUEM SÃO AS CULPAS?

Os actos de selvageria que ante-hontem se praticaram no Porto e a que nos acabamos de referir não foram motivados por impulso de occasião que em certa maneira os justificasse. Estavam planeados de ante-mão, sabia-se isso e os proprios jornaes o confessam:

«Os tristes acontecimentos que se produziram não nos surpreenderam, como não deviam ter surpreendido todos aquelles que conhecem as tradições de liberdade e os brios d'esta nobilissima cidade», escreve com desvanecimento o *Primeiro de Janeiro*.

Era voz corrente no Porto que os preparara o sr. Lima Junior, o sr. Wesclau de Lima, o sr. Vahia, o sr. Pedro d'Araujo, o sr. Visconde de Guilhomil e outros, andando a aliciar canalha para o *morrório*, a pedir de porta em porta para fechar os estabelecimentos (o que não conseguiram) e despedindo os operarios a horas de poderem vir tripudiar na praça publica, aquelles que tinham fabricas em que o podiam fazer.

Ao dr. Eduardo de Souza, medico e jornalista vimos das janellas do *Diario da Tarde* incitando o garotio, e a canalha das ruas, contra os nossos correligionarios.

Era em geral a gente das infimas camadas sociaes quem perseguia com apupos os individuos que tranquillamente seguiam pelas ruas após a recepção na *gare*.

Mas o Porto pela voz dos seus orgãos na imprensa parece querer tomar sobre si a responsabilidade d'essas scenas inqualificaveis, que publicamente devia repudiar.

Lá o diz a *Voz Publica*: «Desafrenta-se a cidade liberal—Ella responde mais uma vez ao que o paiz esperava—Viva a cidade do Porto!»

Lá diz o *Janeiro* que lhe chama «Uma eloquente demonstração de que se não apagaram as energias civicas dos portuenses.»

Lá diz o *Noticias*: «que o Porto não consente, não permite, sob pena de um castigo exemplar, a audacia impertinente de passearem (os provincianos) por essas ruas as suas nullidades de chapéu alto.»

Lá diz o *Diario da Tarde* que as scenas lamentaveis se deram «entre partidarios do sr. Franco, que tinham vindo da provincia assistir ao banquete, e grupos de cidadãos do Porto.»

Notem bem a expressão do *Diario da Tarde*.

Foram grupos de cidadãos do Porto os que se intrometteram com quem passava.

Não foi, na opinião d'este jornal, a ralé, foram os cidadãos.

Foram os cidadãos do Porto que vociferaram os insultos mais soezes, foram os cidadãos do Porto que andaram ás correrias atraz dos individuos da provincia, foram os cidadãos do Porto que agarraram excremento ás mãos cheias, (nas ruas que não encontravam policiadas) para o lançar sobre os hospedes do Porto.

Limpos cidadãos, na verdade! Hospitaleiros cidadãos na verdade!

Não! Por honra do Porto, não pode ser!

Já que os jornaes da cidade invicta a accusam, defende-nos a nós.

Quem nos insultou, quem nos deu provas de uma requintada maldade e de uma má criação levada ao ultimo ponto, não foram os cidadãos do Porto, foi a canalha, sem imputação moral, ás ordens de tres ou quatro mandantes politicos absolutamente destituídos de escrupulos.

Que a imprensa do Porto não enxovalhe a grande cidade liberal!

Para vergonha d'ella bastam-lhe as scenas que se passaram e com quem se passaram. Não é necessario exagerar o acontecido.

E que venha depois o *Primeiro de Janeiro*, o infamissimo orgão de infamissimas mentiras, dizer que «o Porto soube conciliar os seus sentimentos liberaes com as suas tradições de generosa hospitalidade.»

Generosa hospitalidade! Je m'en bats l'œil, je m'en fus d'une hospitalité pareille!



A Imprensa e a Provincia

A maioria da imprensa do Porto, absolutamente falta de criterio como outra não existe, não contente com querer fazer persuadir os ingenuos de que a gente seria e honrada da capital do norte tomou parte em apupadas indignas de um centro civilisado requinta em imprudencias imbecis, que altamente comprometem a cidade do Porto.

O Porto, tem-se engrandecido pelo seu trabalho, pela sua actividade, mas tambem, e muito principalmente, pelo auxilio da provincia.

O Porto não vive independentemente, e em posição de poder impunemente chasquear da provincia.

Os negociantes de Lisboa, quando o norte quizer sortir-se da capital, põe na estação de Campanhã todos os generos em condições de preço rivalizando com o Porto.

Se um dia o commercio do norte se chegasse a convencer de que o Porto foi solidario nos ultimos acontecimentos, sabia perfeitamente o caminho a seguir e o que mais doia ao Porto.

Os que na segunda-feira foram ao Porto eram, dil-o a *Voz Publica*: «os sertanejos que vinham á nossa terra para fingir de tripeiros.»

Fingir de tripeiros? Nunca! Fingir de tripeiros? para quê? Não gostamos de tripas, temos a velha opinião do velho Rabelais, que aqui fica no seu pittoresco francez antigo:

«cette tripaille n'estoit viande moult louable. Celluy a grande envie de mascher merde, qui d'icelle le sac mange.»

Fingir de tripeiros? Para quê sr. Padua Correia?

Os que na segunda-feira foram ao Porto dil-o o *Jornal de Noticias*:

«...tinham a audacia impertinente e idiota de passearem por essas ruas as suas nullidades de chapéu alto!»

Dos que na segunda-feira foram ao Porto diz o *Diario da Tarde*: «Braga, Barcelinhos, Guimarães, enviaram ao Porto todos os seus respeitaveis fósseis politicos, em rabona, em frack, em sobrecasaca.»

Isto diz, isto pensa de nós a cidade do Porto, como os seus jornaes insinuam?

Pode bem ser que assim pensem e assim digam alguns commerciantes signatarios do famoso protesto dos 15:000 nomes, que mandam depois a Guimarães e ás demais terras de provincia os seus caixeiros viajantes, pedindo, implorando quasi, encommendas em linguagem humilde de frade bôrra. Pode ser que assim pensem estes, mas a maioria da cidade do Porto sabe que nos assiste o direito de ali irmos visitar um amigo como vamos fazer compras; e que esses a quem se chama em tom de mofa *sertanejos* são na sua maioria individualidades cuja superioridade de cerebração não pôde comparar-se com a de qualquer reles foliculario portuense.

E' certo que nem todos podem vestir com a elegancia pansuda do sr. dr. Eduardo de Souza, redactor do *Diario da Tarde*, ou embrulhar-se elegantemente no varino em que de verão e de inverno se envolve com solemnidade o sr. Padua Corrêa.

Mas é escusado caçoar das *toilettes* provincianas, que podiam não ser o *dernier cri* da moda, mas estavam pagas, vantagem de que nem todos os rabiscadores destas porcarias podem gabar-se, porque a classe que no Porto dá maior contingente á phalange dos caloteiros é a dos escrevinhadores assalariados por meia corôa diaria.



O PROTESTO DA NOSSA CAMARA

A camara de Guimarães não podia ficar silenciosa perante os enxovalhos de que foram victimas alguns dos seus municipes e até alguns dos seus vereadores.

Eis o seu protesto como consta da acta:

«Pelo sr. presidente foi apresentada a seguinte moção: Existindo desde longa data entre Guimarães e a capital das provincias do norte importantes e valiosas relações commerciaes e sendo bem conhecidas as relações de sympathia e boa amisade, que sempre ligaram os habitantes das duas cidades; conhecidos os actos de desconsideração, que no dia 17 d'este mez foram irrogados nas ruas do Porto a alguns dos senhores vereadores e a outros nossos distinctos patricios a quem este concelho deve actos de muito civismo, o que representa a quebra das tradições hospitaleiras, que tão grandemente enaltecem a invicta cidade; esta camara, lamentando que taes acontecimentos se dessem, significa á ex.^{ma} camara do Porto a expressão da nossa magua, certa de que ella nos acompanha neste nosso pesar.»

Esta moção foi approvada por unanimidade, resolvendo-se que immediatamente se communicasse á ex.^{ma} camara do Porto.



EM GUIMARÃES

A manifestação que a cidade de Guimarães organisou aos seus patricios que foram insultados no Porto pela escumalha das ruas foi imponentissima.

Tomaram parte n'ella, sem distincção de côr politica, individuos de todas as classes sociaes.

Não se tratava apenas de regeneradores-liberaes, a cidade de Guimarães comprehendeu-o bem, tratava-se de filhos seus, tratava-se de vimezanenses, dos mais dignos, dos que melhores serviços tem prestado a esta cidade e concelho, que se viram na segunda cidade do reino alvo das vaias dos maltrapilhos que procuravam os logares menos frequentados pela policia, para poderem expandir á vontade os seus maus instinctos excitados e estipendiados por arruaceiros da peor especie.

E' certo que os vimaranenses honraram os brios da sua terra e deram provas inequivocas de coragem, sempre que na sua frente encontraram um homem a quem podessem tomar responsabilidade dos seus insultos.

Mas isso não bastava! E a recepção que a cidade de Guimarães preparou aos seus filhos foi uma manifestação de desagravo que deve tel-os profundamente sensibilizado.

Valeu realmente a pena ter sido insultado em terra estranha por gentilha infima, para ter a satisfação de se vér por parte dos seus concidadãos alvo de provas de affecto, de estima e de consideração como aquellas que ante-hontem receberam todos os que tinham ido segunda-feira ao Porto.

A cidade de Guimarães soube sentir como feitas a toda a sua população as affrontas recebidas pelos patricios, que no uso de um direito legi-

timo tinham ido ao Porto tomar parte em uma manifestação que não podia ser affrontosa para ninguem.

Na terça-feira, tendo-se distribuido pela tarde convites para uma recepção dos nossos patricios que haviam ido ao Porto, ás 8 horas da noite emquanto duas bandas de musica percorriam as ruas começou a affluir á estação do caminho de ferro grande quantidade de gente de todas as classes sociaes e de todos os partidos, visto não se tratar de uma simples demonstração politica, mas de uma brilhante manifestação de desagravo feita por esta nobre cidade aos seus cidadãos que haviam sido enxovalhados nas ruas do Porto.

Quando o comboyo chegou e começaram estrelajando os foguetes, os manifestantes podiam contar se por muitos milhares.

A *gare*, o largo fronteiro á estação e as embocaduras das duas avenidas estavam litteralmente coalhadas de vimaranenses empunhando archotes e soltando calorosos vivas.

Organizou-se então uma imponentissima marcha *aux flambeaux*, sempre em meio da maior animação. Os snrs. dr. Meira, Conego Vasconcellos, dr. João de Meira e Jeronymo Sampaio eram levados aos hombros d'alguns mais entusiastas e as aclamações a todos os recém chegados e á cidade de Guimarães erguiam-se ininterruptamente.

O sr. dr. Meira, para casa de quem se dirigiu o imponentissimo cortejo, fallou de uma das janellas da sua residencia, bem como o sr. Conego Vasconcellos.

O sr. dr. Meira, dizendo que bem sabia ter merecido sempre a estima e o respeito dos seus concidadãos, confessou que não esperava uma tão grandiosa manifestação, assentou que nunca o Porto fizera recepção a homem politico igual áquella com que recebera o sr. conselheiro João Franco e acrescentou que quem apupára no Porto os vimaranenses e outros individuos da provincia fora apenas a canalha. O sr. Conego Vasconcellos trizou principalmente a generalidade da manifestação de que os vimaranenses tinham sido alvo por parte dos seus concidadãos. Ambos agradeceram com effusão as provas de affecto que a cidade de Guimarães acabára de dar-lhes.

Findo o que, o imponente grupo de manifestantes percorreu varias ruas dispersando em seguida.



AVISO

N'esta redacção encontram-se, á disposição de quem provar pertencerem-lhe, algumas farripas de barba, arrancadas segunda-feira, ás quatro da tarde, da cara de um atrevido, na rua do Sá da Bandeira.

Facilmente reconheceremos o feliz proprietario de tão magnifico adorno capillar pelas brechas que lhe foram abertas na cabeça afim de lhe metter por ellas alguma boa educação.

Apresente-se, pois, o ditoso mortal que lhe será entregue sem falta de um pelleiro, a preciosa guedelha.

